



## ESCREVIVÊNCIAS QUE TESTEMUNHAM: O TRAUMA COLONIAL EM *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

**Guilherme José Schons**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES

guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br

### 1. Introdução

A partir das proposições da escritora Conceição Evaristo (2020), podemos apreender a escrevivência como um fenômeno diaspórico que – alicerçado na confusão entre escrita e vivência – conecta as vítimas da colonialidade (Quijano, 2005) na crítica a uma imagem do passado que reedita as dores da catástrofe (Benjamin, 1985). Diante dessa noção, tanto no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História (Schons, 2024) como no Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim, tenho pesquisado o livro *Becos da memória* (2018), publicado originalmente em 2006, em que essa autora desenvolve um exercício com tal instrumento para narrar a expulsão, ocorrida em 1972 e, portanto, durante a ditadura civil-militar brasileira, de sua família (e vizinhos) da favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte/Minas Gerais. Com isso, percebi que duas categorias são primordiais para a investigação com essa literatura: testemunho e trauma.

Dessa forma, ancorado nos trabalhos de Márcio Seligmann-Silva (1998), destaco o meu entendimento de que a literatura testemunhal se apresenta como uma “outra voz”, que pode dialogar com a historiografia profissional para se referir ao passado ao produzir fontes no tempo presente. Me refiro, por isso, a uma escrita/escrevivência pós-colonial, já que a colonialidade do tempo linear (Quijano, 2005) é substituída por uma concepção topográfica (Seligmann-Silva, 2018). A memória é definida como local de construção de uma cartografia que busca mapear o passado. No testemunho, sempre se parte de um presente em direção a passados: não há qualquer chance de se almejar a recuperação de um passado nacional único.

Em relação ao trauma, cabe apontá-lo como uma resposta a eventos violentos que retornam mais tarde em fenômenos de repetição (Caruth, 1995). Ou seja, “é como se esses



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE

IV Simpósio de  
Pós-Graduação  
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR

TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



pacientes não tivessem se desvincilhando da situação” (Freud, 1990, p. 325). Há um hiato entre evento e discurso, um conjunto de dificuldades no ato de dizer uma experiência marcada pela barbárie (Feltrin, 2021). Falar sobre isso – testemunhar – envolve um movimento de elaboração sem incorrer na redução do literário ao histórico (Seligmann-Silva, 2003). Em última instância, “trata-se de assumir a visão traumática da história e a necessidade de inscrever a violência a contrapelo da lei do arquivamento” (Seligmann-Silva, 2015, p. 71).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar de quais formas a literatura produzida por Evaristo mediante as suas escrevivências, em *Becos da memória*, constitui, por meio da linguagem, testemunho voltado para 1) a denúncia da violência atrelada à ditadura civil-militar brasileira; 2) a elaboração pública do trauma de um passado colonial mais amplo e persistente. Além disso, pretendo apresentar considerações gerais e novas problematizações a respeito dos emaranhamentos entre história e literatura com base nas discussões propiciadas pelos estudos do testemunho e do trauma.

## 2. Metodologia

Assim, opero, em chave interdisciplinar, no exercício de problematização da constituição, por Conceição Evaristo, de linguagem para a elaboração do trauma colonial mediante recurso à identidade e à subjetividade. Ao depoente do horror coube a tarefa de fornecer a prova da violência. Isso é o que Marc Nichanian (2009) chama de “lei do arquivo”, onde a “perversão historiográfica” seria a ofensa realista ao testemunho (sendo que a própria “vontade genocidiária” buscaria a anulação da facticidade do fato pela morte da testemunha). Ao invés de uma “insultante função realista” (Nichanian, 2009), não quero seguir as ordens dos perpetradores da barbárie: não se trata de uma questão de prova, mas sim da libertação do testemunho das refutações do poder tendo em vista sua inscrição como monumento em prol da inarquivabilidade do enunciado. Ou seja, não pretendo comprovar os testemunhos de Evaristo. Meu anseio está para além disso: quero ler, por intermédio das teorias pós-coloniais, um testemunho da colonialidade no Império português diante da elaboração do trauma, atento aos seus efeitos para a linguagem.

## 3. Resultados e discussão



Por meio dessa perspectiva, pude então inquirir o *Becos...* a partir da sua relação com os projetos da ditadura civil-militar brasileira – o que ficou muito evidente, não apenas pela localização temporal, mas principalmente diante da existência de uma política de erradicação de favelas atrelada ao regime e que, em Belo Horizonte, foi levada adiante pela autarquia Coordenação de Habitação de Interesse Social – CHISBEL, criada em 1971. Mas, em adição a essa ideia e a partir da noção de que o desfavelamento implicou um trauma associado a um passado insistente de violências, consegui captar no texto de Evaristo as suas alusões a um tempo mais amplo de opressões e que, àquela altura, era atualizado: a escravidão que não passa e, ao ser presentificada, induz a autora a falar na existência de uma senzala-favela e, mais do que isso, nos anseios de esconder esse esquema de exploração, sem acabar com ele – por meio do que sequer uma vida precária na favela, próxima ao bairro/casa-grande, foi concedida, embora certamente, após o desfavelamento, todas aquelas pessoas tenham continuado a ser espoliadas.

Logo, penso que a obra envolve complexas temporalidades: da escravidão à ditadura civil-militar, implicando o momento de escrita da autora e o de leitura por mim, me percebo em contato com um exercício de crítica à colonialidade que permanece e, inclusive, por isso é que trabalhamos com uma noção de tempo distinta daquela linear, rejeitada por Quijano (2005), e que idealizou os sujeitos que habitavam a favela do Pindura Saia como anacrônicos (Mudrovicic, 2018) que, obrigatoriamente, deveriam se render – sem maiores complicações – à modernidade capitalista autoritária. No entanto, não é isso o que fazem as personagens de Evaristo, uma vez que a autora não se limita a contar uma história da violência, a qual jamais significou o todo das existências daquelas pessoas, na medida em que se reporta às sensibilidades das/os que foram desfaveladas/os, assim como mostra empenho em versar a respeito de suas histórias de vida, alegrias, animosidades, conquistas, crimes, dificuldades, erros, gozos, inseguranças, lutas, medos, perdas e sabedorias – enfim, de sua humanidade propositalmente negligenciada pela ditadura.

#### 4. Considerações finais

Me referi a cicatrizes de séculos cujas causas continuam existindo e impactando as existências brasileiras. À vista disso, ao entender *Becos...* como sendo constitutivo de



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE

IV Simpósio de  
Pós-Graduação  
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR

TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



uma literatura de testemunho por, segundo Márcio Seligmann-Silva (1998), sacudir o passado persistente de violações e, com isso, produzir uma fonte histórica no presente da escrita, percebi que o trabalho de Conceição Evaristo subverte a violência do arquivo colonial, tal como apontada por Saidiya Hartman (2020). Afinal, se a colonialidade atuou pela anulação das oposições a si e a eliminação dos vestígios concernentes, estive diante de registros das histórias de suas vítimas: isto é, da elaboração pública do trauma colonial.

Sendo assim, compreendi os testemunhos das escrevivências como instrumentos para a denúncia e o anúncio e, portanto, de apreensão da ideia de que a história, ao invés de ser tão somente linear, é também feita de disputas, rupturas e possibilidades de mudança. Ainda que, de fato, o processo de elaboração do trauma envolva um hiato entre a consumação do evento e a fabricação do discurso em torno e contra ele (Feltrin, 2021), a escrita testemunhal dá conta de formar um arquivo crítico ao jogo de poder que ambicionou a continuidade das cantigas de ninar proferidas pelas mulheres negras. Afinal, a escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas sim um profundo incômodo com o estado de coisas (Evaristo, 2020).

## Referências

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CARUTH, Cathy. **Trauma: explorations in memory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FELTRIN, Fábio. Inscrever a violência a contrapelo: genocídio e trauma na história latino-americana. In: LOSS, Adriana; LORO, Alexandre (org.). **Estudos interdisciplinares**: debates e reflexões. Curitiba: CRV, 2021.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE

# SIMPÓSUL

IV Simpósio de  
Pós-Graduação  
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR

TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em:  
[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27640](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640). Acesso em: 02 jul. 2023.

MUDROVCIC, María Inés. Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos? **Artcultura**, Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 7-14, 22 out. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/45584>. Acesso em: 15 out. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-ameféricanas**: Brasil, Moçambique e Portugal nas escrevivências pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus* Erechim, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/7751>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A era do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Dossiê “A cultura como trauma”. **Revista Cult**, São Paulo, ano 18, n. 205, set. 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 16, p. 9-37, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/11482>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de Mestrado.